

Filosofia
da Paisagem Uma Antologia



FICHA TÉCNICA

Título: Filosofia da Paisagem. Uma Antologia

Coordenação: Adriana Veríssimo Serrão

Colecção: AESTHETICA 1

Revisão científica e técnica: Victor Gonçalves

Tradução: Adriana Veríssimo Serrão, Ana Nolasco, Andreia Saavedra Cardoso, Lisete Maria Rodrigues, Luís Sá, Maria Cristina Leal, Maria Francisca Machado Lima, Paulo Frazão Roberto, Pedro Sargento, Tiago Mesquita Carvalho.

Capa, paginação e arte final: Filipa Afonso

Editor: © Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa

Este livro ou partes dele não poderão ser reproduzidos sob qualquer forma, mesmo electrónica, sem explícita autorização do Editor e dos Autores.

Fotografias: Parque Natural do Vale do Guadiana (Paulo Frazão Roberto), Parque Nacional da Peneda-Gerês (Joaquim Saavedra Cardoso), Monsaraz (Maribel Sobreira), Foz do Arelho (Maria Francisca Machado Lima), Parque Natural do Vale do Guadiana (Paulo Frazão Roberto).

Fotografias de paisagens portuguesas.

Apoio: **FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



FILOSOFIA E ARQUITECTURA DA PAISAGEM (FCT PTDC/FIL-FIL/100565/2008)
(Projecto 3599 - "Promover a Produção Científica, o Desenvolvimento Tecnológico e a Inovação")

Impressão e acabamento: Tipografia Abreu, Sousa & Braga, Lda. - Braga

Depósito Legal: 332142/11

ISBN: 978-972-8531-96-6



9 789728 531966

Paisagem – Ambiente – Território

Uma tentativa de clarificação conceptual

Paisagem. Ambiente. Território. Hoje em dia é muito frequente a permuta entre estes três vocábulos, quase como se significassem os mesmos conceitos. É talvez este um dos motivos pelo qual as discussões a este propósito se reduzem a autênticos diálogos de surdos, como acontece sempre que se empregam alternadamente vocábulos diferentes para exprimir o mesmo conceito, ou também quando se faz uso de um mesmo vocábulo para designar conceitos em tudo diferentes. A clarificação dos conceitos de "território", "ambiente" e "paisagem" facilitará então um debate em que cada um dos oradores saiba com exactidão aquilo que pensa e aquilo que pensam os outros, de maneira a que os eventuais consensos e divergências possam ser seriamente motivados, e não sejam consequência de desentendimentos involuntários.

Começaremos então por clarificar o conceito de "território", que tem um significado quase exclusivamente espacial e um valor mais extensivo-quantitativo do que intensivo-qualitativo. Por *território* entende-se, de facto, uma extensão mais ou menos vasta da superfície terrestre, que pode ser delimitada segundo divisões geofísicas (montes, rios), segundo diferenças linguísticas, segundo delimitações político-administrativas que podem coincidir com os limites geofísicos e linguísticos ou ignorá-los; neste caso, trata-se de divisões histórico-tradicionais, ou ainda de divisões convencionais – estas últimas, quase sempre arbitrárias: como é o caso dos territórios denominados *province* em que o estado italiano foi subdividido após a unificação nacional, segundo o modelo dos departamentos da França jacobino-napoleónica, também eles arbitrariamente delimitados com base nos princípios iluministas racionalistas, que privilegiavam filosoficamente o "espaço" em relação ao "tempo", a "geografia" em relação à "história", e tinham ódio à "memória". Trata-se no entanto de ver se o conceito de "território", na sua acepção mais vasta (incluindo tanto os territórios cujos limites tenham sido traçados convencionalmente como aqueles que possuam limites históricos, linguísticos e geofísicos), coincide em todos os sentidos com os conceitos de "ambiente" e "paisagem"; ou se não será mais abrangente, e inclua em si todas as notas que conceptualmente definem a "paisagem" e o

"ambiente"; autorizando-nos assim, por clareza expositiva e com o objectivo de evitar mal-entendidos, a substituir nos nossos discursos a palavra "território" pelos nomes "paisagem" e "ambiente" (cuja cidadania teria mera função retórica, como metáforas mais ou menos eficazes às quais seria lícito recorrer por variedade de dicção ou para acentuar certas características do território a que nos referirmos mais especificamente em determinados contextos). Passemos então a uma verificação crítica do conceito de "ambiente", para ver se, e até que ponto, é legítimo falar de "território" e de "ambiente", como se os dois vocábulos tivessem o mesmo significado conceptual.

Do conceito de "ambiente", deveremos dizer que tem dois significados: um biológico, que se refere às condições de vida física favorecidas ou contrariadas pelas configurações de certas localidades (longitude, latitude, altitude, exposição solar, precipitações, temperaturas sazonais, conformação geológica do solo e do subsolo, hidrografia) e um histórico-cultural, consoante em certas localidades predomine a cidade ou o campo, a agricultura ou a indústria, o comércio ou a pastorícia, e ainda consoante os costumes, as tradições, a moral corrente e a unidade ou multiplicidade das confissões e dos cultos sejam mais ou menos intensamente seguidos e praticados; e os testemunhos artísticos locais, influenciando de modo diferente o ambiente conforme os períodos históricos nos quais tiveram maior ou menor prosperidade; as ocupações estrangeiras sofridas e os domínios exercidos no passado sobre países estrangeiros; a eventual presença de minorias étnico-linguísticas, a emigração ou a imigração... E não é preciso muito para perceber que o conceito de "ambiente", na sua unidade-diversa de ambiente biológico e de ambiente histórico-cultural, inclui em si o de "território" (não pode haver ambiente sem território), mas com um excesso de elementos que não são necessários para a definição de território enquanto tal. Com efeito, um território permanece idêntico a si mesmo através das mutações do seu ambiente biológico e do seu ambiente histórico-cultural. Mesmo a hipótese (infelizmente longe de ser apenas aventada) da destruição radical de um ambiente biológico e de um ambiente histórico-cultural não afecta o território, que pode ser transformado ou destruído (e quem sabe, construído *ex novo*) apenas por cataclismos geológicos repentinos (o mito de Atlântida significa o desaparecimento não apenas de um "ambiente", mas de um "território") ou por fenómenos muito lentos, como o soterramento de Ravenna, ou por intervenções como a drenagem e a construção dos canais da Holanda. Irrelevantes, no que diz respeito ao conceito

de "território", são as alterações climáticas, em Itália e na Europa, consequência das transformações que a revolução tecnológica imprimiu ao ambiente biológico; também irrelevantes, do ponto de vista do território, são as transformações histórico-culturais decorrentes da emigração urbanizadora imposta pela industrialização, consequência por sua vez da revolução tecnológica... Diremos portanto que "ambiente" é mais que "território", sendo ambiente o território qualificado biológica, histórica e culturalmente. No ambiente existe o território acrescido da vida, da história, da cultura: e por isso "ambiente" e "território" não são conceitos por assim dizer intermutáveis; no que diz respeito ao ambiente, o território é a matéria-prima, enquanto o ambiente é o território tal como a natureza e o homem o organizaram em função da vida. Querendo, podemos dizer que ambiente é "o território vivo para o homem e vivido pelo homem", enquanto o território pode ser pensado, estudado e manipulado enquanto tal mesmo que se faça a abstracção da vida que "nele vive e do homem que vive esta vida". Resta, no entanto, ver sob que relação o conceito de "ambiente" (incluindo nele o "território") se encontra no que diz respeito ao conceito de "paisagem".

Creio que neste ponto surgirá com bastante facilidade uma definição de "paisagem" como "forma" que o ambiente ("função" ou "conteúdo", podemos chamá-lo assim, empregando por analogia os termos da crítica literária e artística) confere ao território como "matéria" de que ele se serve. Ou melhor, se quisermos ser mais precisos, "paisagem" é a "forma" na qual se exprime a unidade sintética *a priori* (no sentido kantiano: não a "unificação" de dados recebidos separadamente, mas a "unidade" necessária que condiciona o seu apresentar-se na consciência) da "matéria (território)" e do "conteúdo-ou-função (ambiente)". Não proponho uma abstracção artificial: qualquer pessoa poderá verificar o carácter concreto desta definição, desde que reflecta como nenhum território se dá a conhecer como tal, nem nenhum ambiente; porque o "território" e o "ambiente" são, eles sim, condições a que podemos aceder apenas com um esforço de abstracção do carácter concreto da paisagem que nós vivemos e experienciamos e conhecemos como território e ambiente na sua indissolúvel unidade. A vida, não a vivemos no território; o território é uma mera abstracção burocrática, útil ao registo civil, ao estado civil, à repartição das finanças. Aquilo onde vivemos as nossas esperanças e as nossas desilusões, as nossas alegrias e as nossas tristezas, é o território modelado pelo ambiente, porque sem ambiente biológico não poderíamos respirar e muito menos alimentar-nos ou

matar a sede ou reproduzir-nos, tal como o nosso viver seria um mero vegetar sem o ambiente histórico-cultural (ao qual cada um de nós livre e espontaneamente reage de modo próprio – o homem não é um mecanismo sujeito ao princípio de causalidade eficiente e o ambiente histórico-cultural não é uma máquina, uma engrenagem). Também o ambiente, enquanto ambiente puro e simples, é uma mera abstracção, assim como seria abstracção irreal o conteúdo de um livro, poesia ou romance sem a realidade em que se exprime modelando uma matéria verbal (mesmo que seja a de uma tradução descurada ou de uma vulgarização banal), e como é abstracção irreal a função de um edifício (casa de habitação, edifício público ou religioso; ou mesmo oficina ou garagem) se não se exprimir como forma na qual se modelou uma matéria. O ambiente concreto, o ambiente que vivemos e do qual vivemos vivendo nele, é sempre o ambiente como forma de um território: paisagem. Não será, portanto, ousado supor que tal como o conceito de “ambiente” inclui em si o de “território”, também o conceito de “paisagem” inclui em si o de “ambiente”; então, a realidade que devemos estudar e sobre a qual, se necessário, devemos intervir é sempre a “paisagem”, e não o “ambiente” e muito menos o “território”.